

Tenente-General António Menezes - "O Meu Capitão"

O Meu Capitão

Todas as Escolas Práticas tinham nos anos 80 um Escol de conhecimento, encorpado nas gerações de capitães que dominavam áreas de conhecimento militar e a quem a malta mais nova e maçarica recorria, formal ou informalmente, para não se espalhar no primeiro comando.

Também depois do tirocínio jovem alferes fui colocado numa companhia operacional onde conheci um Capitão.

Não era grande nem baixinho, tinha a estampa típica do português e era das bandas de Coimbra para onde conduzia um velho Fiat ao fim de semana. Era cordial no trato, não dizia as tradicionais barbaridades entre palavras, raramente levantava a voz, e se não o víssemos fardado, passaria por professor ou médico. Privilegiava o silêncio e a leitura ao popular jogo de dados ou cartas, não espantava pelo anedotário de caserna a sala de oficiais, era austero e nunca lhe escutámos vozes de inveja ou acervo de má língua.

Dominava o segredo da tática e técnica de tiro de morteiro, conhecia o material e suas manhas, era rigoroso no planeamento da instrução, exigia formalidade e pontualidade, e estimulava uma sadia competitividade entre os quatro comandantes de pelotão.

Comandava fazia quatro anos, companhias de recruta e de cadetes milicianos, e agora a companhia de apoio de combate, tinha assim, sem diploma, a tarimba de mestre em liderança prática do Soldado de Infantaria.

Tinha no rosto um sorriso irónico perante a ignorância dos sabichões da carpete, desprezava a petulância dos que ignoram a opinião dos inferiores, praticava com maestria a arte de sair do gabinete e dos papéis para ver, escutar, corrigir sem palavras meigas, incentivar o exemplo e a solução fora da norma, era presente nas marchas sempre no final da coluna, amparando e empurrando os mais débeis, parecia ter um relógio com horas de sono a menos.

Espantava pela forma como falava com os homens, sempre tu com nome, terra e com família, muitas vezes sentado ou ajoelhado junto à viatura ou armamento, sujando as mãos na massa e no óleo, e experimentava o nosso conhecimento perguntando como estava a mãe do quarteleiro e se o capelão já tinha falado com o condutor do unimog.

Gostava de nos dar a provar a humildade de liderar com os homens, não aceitando delegações de instruções em subordinados, sobretudo as mais exigentes ou rotineiras, e fazia honra em exigir uma conferência detalhada do material de cada pelotão mensalmente, o que se diga era uma grande estafa.

Incutiu em todos o gosto pela autoavaliação, eram célebres as reuniões no final do dia com oficiais e sargentos, obrigando todos a falar sem receio e com frontalidade. Tinha

um método pessoal, uma caixa de correio à porta do gabinete onde anonimamente todos podiam por missivas.

Tenho um episódio que me marcou que gostaria de partilhar. Tinha no meu pelotão um soldado problemático, ainda por cima líder negativo, punido e recambiado de outras unidades, um mouro de trabalho na tapada e em demonstrações, mas um reconhecido coiro na caserna e no tempo livre. O Meu capitão chamou-o e falou com ele com a voz tranquila e firme e olhos nos olhos “Peres, tens-te portado mal rapaz e já não me resta mais nada senão escrever à tua mãe “, mostrando-lhe um envelope fechado, selado e endereçado. O sacana do Peres, homem grande e bruto, em sentido, deixou cair lágrimas e rogava “Meu capitão, bata-me se quiser, isso é que não, escrever à minha velha, não!”

Nunca mais tive problemas embora o Peres me obrigasse a dar tudo para o fazer ficar sossegado de cansaço. Quando passou `a disponibilidade, na despedida o Meu Capitão deu-lhe a carta e disse: “Peres toma podes entregar à tua mãe”. Mais tarde escreveu-me dizendo que o maluco do Capitão tinha lhe dado uma carta com papel em branco. Nunca esqueci o Meu Capitão. Morreu jovem, sem guerra, num acidente de viação em Pombal no velho Fiat mas ainda hoje é recordado pelos seus Peres, bandidos ou heróis, como todos nós!

Sejam Hoje Capitães e escrevam cartas que vos façam eternos.